



Universidade Federal de Viçosa

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

THAIS DOS SANTOS

“SERÁ QUE ELES VEEM EM NÓS UM MARGINAL PADRÃO?”:
UMA DISCUSSÃO SOBRE RAP E RECONHECIMENTO

ORIENTADORA: DRA. RAYZA SARMENTO

VIÇOSA - MINAS GERAIS
DEZEMBRO/2019

THAIS DOS SANTOS

“SERÁ QUE ELES VEEM EM NÓS UM MARGINAL PADRÃO?” :
UMA DISCUSSÃO SOBRE RAP E RECONHECIMENTO

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rayza Sarmento

VIÇOSA - MINAS GERAIS
DEZEMBRO/2019

THAIS DOS SANTOS

**“SERÁ QUE ELES VEEM EM NÓS UM MARGINAL PADRÃO?”:
UMA DISCUSSÃO SOBRE RAP E RECONHECIMENTO**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rayza Sarmiento

Aprovado em: 25 de outubro de 2019

Prof^a. Ms. Nádia Dutra de Souza
Avaliadora
(DCS/UFV)

Prof. Dr. Diogo Tourino de Sousa
Avaliador
(DCS/UFV)

Prof^a. Dra. Rayza Sarmiento
Orientadora
(DCS/UFV)

Thais dos Santos
Discente
(DCS/UFV)

Dedico esse trabalho a mim e a minha filha Ramira, sei que um dia a Rá vai lê-lo e sentirá muito orgulho de sua mãe. Eu olhando para mim agora e, lembrando de tudo que eu já vivia com 5 anos de idade, eu tenho tanto ORGULHO DE MIM.

AGRADECIMENTOS

Começo este agradecimento com uma xícara de café às 00:46 do dia 23 de setembro, com muitas lágrimas de felicidades, olhando a Ramira minha filha dormindo no sofá e pedindo a vida que a trate com gentileza. “Eu sempre acreditei que o tempo ruim ia passar era só uma fase e que o sofrimento aumentaria mais a minha coragem” (RACIONAIS MC’S, 2002). Este trabalho não aconteceria se eu não tivesse contado com a generosidade e o amor de três pessoas:

Rayza (ou professora, como gosto de te chamar), quero te agradecer por me ensinar sem me humilhar, por ser firme sem perder sua doçura, por ser coragem na hora que todos os cinco sentidos do meu corpo gritavam com medo sentada na sua frente na sua sala. Obrigada pela paciência de dizer “Thais, se você não souber não tem problemas é só me dizer que não sabe” e logo eu abria a minha lista do “não sei” e, a colocava em tópicos (risos). Professora, uma vez uma pessoa muito amada por mim me proferiu uma frase que quando me pedem para te definir eu a repito e te coloco como sujeito - *“Conhece todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.” (JUNG)-adaptada*. Professora, te desejo muitas “Elenices” e “Edilenes” e peço ao universo que mais “Thaises” te encontrem. Pode ter certeza que foi por você e não para você, obrigada por olhar com respeito nos meus olhos quando fala comigo. Te agradeço pelo comprometimento que conduziu toda minha orientação.

Agora o agradecimento vai para minha “co-orientadora” Elenice Christina. Minha amiga Lelê você fez surgir a melhor versão de mim e eu estou sentindo muito orgulho dessa acadêmica que me tornei. Tenho certeza que nunca mais você escutará Racionais MC’s sem se lembrar do TCC de Thais. Amiga, pode ter certeza que o universo viu você se empenhando comigo e ele vai colocar pessoas certas no seu caminho. Parabéns pela aprovação no mestrado da UFJF. Obrigada pela lealdade e por ter ficado até o fim comigo.

Edilene, OBRIGADA por tudo e pelo fortalecimento de sempre. Lembro-me lembro que quando comecei você me disse, “pode ficar tranquila se precisar eu te ajudo, mas Thais você é muito além do que você pensa”. AMIGAS, EU AMO VOCÊS!

Bobby, obrigada pelo companheirismo e pela compreensão. Agora pode usar o seu computador, obrigada por me ouvir falar de Honneth mesmo sem entender nada da teoria. Obrigada família SP por ser base, vocês são meus pontos de apoio. Família, quando escutávamos Racionais MC’s estamos travando *lutas por reconhecimento*. Se estivéssemos perto agora colocaríamos *Vida Loka parte II* e choraríamos muito.

Sim, sou a primeira pessoa da nossa família a se formar em um curso superior. O caminho tinha que ser aberto por alguém, e o AMOR de vocês facilitou muito a minha caminhada. Como dizem os Racionais “A sua família precisa de você lado a lado se ganhar e para te apoiar se perder”. Grupo FÊNIX E AMIGAS, terminei o TCC e com HONRA, podem ter certeza, fiz o melhor de mim.

Professor Diogo, obrigada por me apresentar a Ciência Política e mesmo sem sua pretensão suas aulas não me deixaram desistir da UFV. Às vezes, depois de um dia cansativo de trabalho, com fome, frio e sem banho, eu e o meu copo de café chegávamos e, ficava muito feliz por estar alí. Professor Diogo, obrigada por me fazer enxergar que depois da graduação com seis disciplinas por semestre o estágio no Coluni era um “detalhe”, porém muito importante e não era hora de fraquejar. O que era um pingo para quem já tinha enfrentado tempestades? No 1º semestre de graduação, eu senti todas as contraindicações que eu podia sentir por estar ocupando aquele espaço na UFV. Foram muitos questionamentos de Thais aluna para Thais mãe, trabalhadora, mulher e filha, eram pensamentos que se misturavam com as teorias dos clássicos, e no final eu estava me dizendo "sou mãe deveria estar cuidando da Ramira que está sem banho até agora e, a escolinha me ligou a tarde dizendo que ela teve febre, vou embora depois dessa aula e não posso mais voltar aqui” levava para casa um texto de política para não sentir falta da UFV e no dia seguinte estava Thais teimosa na UFV outra vez. Professora Nádia, quanto respeito pela minha história e quanto torcida em toda minha trajetória. Obrigada por ter me ensinado muito e com excelência. Professora, quero te agradecer imensamente por tudo que rerepresentou e rerepresenta na minha trajetória acadêmica. Obrigada pelos cinco minutinhos de conversa no estacionamento depois das aulas, “Thais, você não precisa fazer tudo sozinha, divide essas tarefas”. “Thais, você não é errada por querer estudar e você chegou quando você conseguiu chegar”. Obrigada pela sensibilidade em perceber em mim as categorias: **Negação, Perseguição, Resistência e Ascensão**. A professora enxergou em mim o que nem eu via.

Thais dos Santos, se você não tem outra opção VENÇA. Eu fiz tantas promessas para mim e me sinto honrada por ter cumprido todas elas sem arredar o pé daquilo que achava certo. Parabéns Thais Dos Santos você é a mina da faxina e agora Bacharela em Ciências Sociais na UFV.

RESUMO

Esta monografia analisa as letras de raps dos Racionais MC's sob a luz da Teoria do Reconhecimento desenvolvida por Axel Honneth (2003), especificamente acerca da dimensão da estima. A partir da metodologia de análise de conteúdo, analisamos seis discos, ao longo de três décadas, a fim de entender como as letras de rap operam na busca por reconhecimento. O conteúdo das letras foi agrupado em quatro categorias: *negação*, *perseguição*, *resistência* e *ascensão*.

Palavras-chave: Reconhecimento, Rap, Racionais MC's.

ABSTRACT

This monograph analyzes Racionais MC's rap lyrics from Recognition theory developed by Axel Honneth (2003), specifically about the dimension of esteem. Based on the content analysis methodology, we analyzed six albums over three decades in order to understand how rap lyrics operate in the search for recognition. The content of the lyrics was grouped into four categories: denial, persecution, resistance and ascension.

Keywords: Recognition, Rap, Racionais MC's.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - “DA PONTE PRA CÁ”: MÚSICA E RECONHECIMENTO	12
1.1 Do desrespeito à luta - “Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição”	15
1.2 “Periferia é periferia em qualquer lugar”	17
CAPÍTULO 2 - “EU VIM DA SELVA, SOU LEÃO, SOU DEMAIS PRO SEU QUINTAL”: ANÁLISE DOS RAPS.....	19
2.1. ANÁLISE - “Negro Drama entre o sucesso e a lama”.....	22
2.1.1. Negação - “Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora”	22
2.1.2. Perseguição - “Será que eles veem em nós um marginal padrão?”	25
2.1.3 Resistência - “Racionais declaram guerra.”	27
2.1.4 Ascensão - “Sou exemplo, de vitórias, trajetos e glórias”	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial, a cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras
Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros
A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”
(Racionais MC's - Capítulo 4, Versículo 3, 1997).

A presente monografia busca compreender a relação entre as músicas do grupo Racionais MC's e a Teoria do Reconhecimento. Para isso, buscamos analisar as letras destas produções a partir de estudos desenvolvidos por Axel Honneth em seu livro *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (2003). O filósofo alemão argumenta em sua análise que um indivíduo para se autorrealizar necessita ser reconhecido nos âmbitos do *amor*, do *direito* e da *estima social*.

Sendo assim, usaremos o conceito honnethiano da *Estima Social* para entendermos a busca por reconhecimento dentro dos raps dos Racionais MC's. Quando os indivíduos empreendem uma luta, os mesmos têm a pretensão de conquistar algo que lhes é negado. Essa consciência só acontece quando há desnaturalização das violências sofridas, o que Honneth (2003) chamou de desrespeitos.

A escolha de nosso objeto de pesquisa se deu pela relevância que os raps produzidos pelo grupo musical Racionais MC's possuem no cenário nacional. É pertinente salientarmos que o grupo possui trinta anos de carreira consolidada e, mesmo sem o uso de grandes mídias -se comparado a outros cantores e grupos da época - para a divulgação dos seus álbuns, já chegaram atingir mais de um milhão e meio de cópias vendidas. A exemplo disso podemos utilizar o álbum *“Sobrevivendo no Inferno”* (1997). Com uma discografia de pensamentos articulados, politizados e conscientizadores, o grupo ficou conhecido pela crítica como “Os quatro pretos mais perigosos do Brasil”¹ e se identificam com tal vocativo.

Reconhecemos que os raps dos Racionais MC's já foram alvo de vários trabalhos que os abordam a partir da dimensão racial, contudo, não será foco do estudo em questão. Por se tratar de uma monografia de conclusão de curso, optamos por situar nossa discussão teórica nos debates sobre reconhecimento.

A presente pesquisa foi dividida em duas partes. Trabalharemos na primeira com a discussão da Teoria do reconhecimento, em que expusemos os conceitos de Honneth (2003),

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=gMT9cXizDYQ>

além de contribuições feitas por outros pesquisadores como Mendonça (2008; 2009), Sarmiento (2015) e Zanetti (2008).

Também nessa primeira sessão evidenciaremos as explicações de Martins (2009) e Martins (2015) sobre a importância da música para a interpretação de uma sociedade. Os autores apontam como a música pode remeter o cotidiano de um povo, logo, fica entendido que música é inclusive o resultado da vida coletiva.

Na segunda parte, dedicamos à apresentação da metodologia empregada em nosso trabalho, ressaltando os caminhos traçados e demonstrando a relevância da análise de conteúdo dentro de nosso estudo.

Além disso, essa segunda fase contou com o estudo criterioso de vinte e oito músicas dos seis álbuns inéditos dos Racionais MC's. Elas foram selecionadas desde o primeiro disco, *Holocausto Urbano* (1990), até o último, *Cores e Valores* (2014), através das lentes da teoria do reconhecimento desenvolvida por Axel Honneth (2003), dando enfoque aos raps que empreendiam uma luta por *estima social*.

Por fim, é preciso também dizer que esta monografia representa uma superação para a autora, ex-moradora da favela Coréia da Zona Sul da grande São Paulo, que viu no rap um instrumento político, conscientizador e inspirador como ouvinte e agora como acadêmica.

CAPÍTULO 1 - “DA PONTE PRA CÁ”: MÚSICA E RECONHECIMENTO

Neste capítulo procuramos demonstrar como a Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth, faz-se necessária nesta análise, uma vez que o objeto pesquisado são as letras das músicas do grupo de rap Racionais MC's. O título deste capítulo foi proposital, sendo este o nome de uma música dos Racionais MC's. A música faz alusão a uma separação entre dois mundos: *o que bate e o que apanha*.

Em *Luta por Reconhecimento*, Honneth (2003) descreve que há uma dimensão política cotidiana gerada de forma intersubjetiva na sociedade. Tal luta se desenvolve em três dimensões: os âmbitos do amor, do direito e da estima social. Dentro deles podem ocorrer o que autor denomina como “desrespeitos”, estes impedem o indivíduo de se “autorrealizar” por falta do “assentimento” que se espera do outro. Veremos a seguir que as letras produzidas pelos integrantes do grupo Racionais MC's denunciam o autoritarismo da polícia militar do Estado brasileiro, o racismo, a desigualdade social e o abandono do Estado. Através da música, há uma tentativa de conscientização política do público periférico - no qual faço parte - e a desnaturalização de tais práticas. Portanto, percebe-se que o referido objeto de pesquisa pode ser analisado à luz dessa teoria.

É pertinente a ressalva de que outras teorias trabalham com o conceito de reconhecimento, como bem descreve Mendonça (2009; 2013). O pesquisador brasileiro, além de explicar detalhadamente o que é *reconhecimento* de acordo com a teoria de Honneth, também elaborou uma discussão com os principais teóricos que criticam a teoria honnethiana, como a filósofa Nancy Fraser². Mas é necessário salientar que optamos por utilizar a teoria defendida por Honneth, uma vez que o mesmo defende o reconhecimento intersubjetivo a partir da relação com o outro, caracterizando-se assim com a perspectiva que mais se aproxima dos relatos presentes nas letras do grupo Racionais MC's. Neste quadro, Mendonça (2009) afirma também que “para alcançar a possibilidade de auto-realização, as pessoas lutam, simultaneamente, por dignidade e para que suas particularidades sejam reconhecidas” (MENDONÇA, 2009, p. 145).

Voltando-se às dimensões trabalhadas por Axel Honneth (2003) acerca da autorrealização dos indivíduos, a primeira delas é referente ao âmbito do *amor*. Ela é baseada

² Ricardo Mendonça (2009) ao falar da dimensão intersubjetiva da auto-realização, e tendo como objetivo a defesa da teoria do reconhecimento de Honneth, aponta principalmente as críticas desenvolvidas por Nancy Fraser. A autora, segundo Mendonça (2009), se contrapõe à teoria honnethiana no que diz respeito ao reconhecimento a partir de um “*paradigma identitário*” (p.146), pois a mesma acredita que ao invés de existir uma autorrealização com o foco na self de cada indivíduo, a preocupação deve ser com a “*paridade de participação*” (p.146).

no reconhecimento recíproco e que envolve vínculos afetivos fortes, gerando a autoconfiança para “ir para o mundo”. Na análise desenvolvida por Garcêz e Maia (2009), acerca da luta por reconhecimento dos surdos na internet, entendemos como se dá esse processo intersubjetivo de internalização do preconceito:

a rejeição ou aprovação das pessoas que nos rodeiam fornecem meios para que possamos construir um senso de valor sobre nós mesmos. A partir da internalização do horizonte de expectativas normativas, os sujeitos travam uma luta moralmente motivada para se tornarem membros aceitos por uma coletividade e, portanto, reconhecidos, no que tange à imputabilidade jurídica e ao valor social da suas identidades (GARCÊZ; MAIA, 2009, p.87)

Para elucidar essa dimensão no domínio do *amor*, Honneth (2003) menciona a importância da segurança que a esfera familiar traz para o indivíduo, sendo essa proteção desenvolvida desde a fase maternal. O autor justifica seu argumento a partir de estudos realizados pelo pediatra, psiquiatra e psicanalista Donald Winnicott.

Honneth (2003), ao fazer referência às contribuições de Winnicott - referentes à socialização de crianças, - demonstra que o autor defende a premissa da dependência do bebê em relação a mãe, e também do acolhimento que um espera no outro. Ressalta ainda que Winnicott, ao trabalhar o conceito da simbiose, acentua a dificuldade de dissociação do filho para com a mãe, sinalizando que este bebê não consegue separar o eu do não-eu no decorrer dos seus primeiros meses de vida. Assim, para que ocorra o rompimento simbiótico de forma correta é preciso respeitar a cronologia e a graduação dos processos, como trabalhado por Winnicott. Caso essas etapas não sejam consideradas ou interrompidas, essa criança pode sofrer transtornos psíquicos e sociais em outras fases de sua vida.

Logo, o movimento que Honneth (2003) faz para detalhar a importância dos vínculos afetivos a partir do amor mais próximo como o da mãe e do bebê (podendo esse laço ser ampliado para as esferas de amigos ou contatos familiares mais íntimos) evidencia a necessidade e a dependência afetiva dos indivíduos, tornando ainda mais sólido o entendimento de que uma pessoa pode sim estar muito ligada emocionalmente a outra. Como afirma Honneth:

A tese assim traçada fornece uma resposta acerca da espécie de auto-relação a que um sujeito pode chegar quando se sabe amado por uma pessoa vivenciada como independente, pela qual ele sente também, de sua parte, afeição ou amor [...] Se o amor da mãe é duradouro e confiável, a criança é capaz de desenvolver ao mesmo tempo, à sombra de sua confiabilidade intersubjetiva, uma confiança na satisfação social de suas próprias demandas ditadas pela carência; pelas vias psíquicas abertas dessa forma, vai se desdobrando nela, de maneira gradual, uma “capacidade elementar de estar só” (HONNETH, 2003, p.173).

Retomando a sequência das dimensões honethianas, no âmbito do *direito* - o qual dá ênfase na igualdade jurídica e que resulta no “autorrespeito” - Honneth (2003) expressa os direitos institucionais que cada indivíduo tem de forma legal, mas que podem não se materializar na vida real. Assim, o indivíduo fica excluído de exercer o seu papel com liberdade dentro da sociedade, o que para Honneth resulta na perda do “autorrespeito”. Segundo o autor,

podemos conceber como “direitos”, grosso modo, aquelas pretensões individuais com cuja satisfação social uma pessoa pode contar de maneira legítima, já que ela, como membro de igual valor em uma coletividade, participa em pé de igualdade de sua ordem institucional; se agora lhe são denegados certos direitos dessa espécie então está implicitamente associada a isso a afirmação de que lhe é concedida imputabilidade moral na mesma medida que os outros membros da sociedade. (HONNETH, 2003, p. 216).

Em relação à dimensão da *estima social*, ligada à dependência em relação a solidariedade do outro, Honneth (2003) aponta que ela em sua versão positiva proporciona a “autorrealização”, pois os indivíduos ou grupos precisam sentir-se valorizados pelas suas habilidades peculiares e capacidades individuais ou coletivas.

A “honra”, a “dignidade” ou, falando em termos modernos, o “status” de uma pessoa, refere-se, como havíamos visto, à medida de estima social que é concedida à sua maneira de autorrealização no horizonte da tradição cultural; se agora essa hierarquia social de valores se constitui de modo que ela degrada algumas formas de vida ou modos de crença, considerando-as de menor valor ou deficientes, ela tira dos sujeitos atingidos toda a possibilidade de atribuir um valor social às suas próprias capacidades (HONNETH, 2003, p. 217).

Zanetti (2008), estudiosa nos campos do audiovisual e periferia, faz uma reflexão sobre a importância das representações simbólicas, tais como a música, para o entendimento da estima social em termos honnethianos. A autora chama a atenção para a construção simbólica a partir das interações sociais e ressalta que o debate social se desenvolve na esfera pública, por isso é tão importante o sentimento coletivo e o consenso social. A autora afirma que:

Tais redes de relações constituem uma das bases necessárias para que os indivíduos possam se reconhecer a partir da alteridade, do “outro”, com o qual compartilha representações sociais. Estas, ao se constituírem em instâncias de institucionalização simbólica de “enquadramento” dos sentidos, são suportes para a compreensão da realidade, como forma até de criar um sentimento de familiaridade no contexto da vida social (ZANETTI, 2008, p. 6).

1.1 Do desrespeito à luta - “Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição”

Nessa tentativa de elucidação das três dimensões, é importante frisar a existência de uma noção fundamental e comum entre elas - a intersubjetividade. Mendonça (2009) reitera dizendo que “nas teorias de Honneth e Taylor, o reconhecimento é uma *luta intersubjetiva*” (idem, p. 147). Além disso, o autor aponta ainda que “admitir que se trata de uma *luta* é assumir que o reconhecimento não pode ser concedido, alcançado ou doado” (idem, p. 147). Nesse sentido, é importante entender também como ocorrem os desrespeitos que geram as lutas por reconhecimento.

O desrespeito físico é considerado por Honneth o mais cruel de todos os “desrespeitos”, mencionado de forma metafórica no termo “abatimento do corpo humano”. Trata-se da violência corporal, tendo como consequência a retirada da plenitude física do corpo de outrem, sendo o ápice do desrespeito, ou seja, a invasão hostil do eu. Assim, o opressor se sente no direito de agredir o oprimido, a partir da concepção de que o segundo é objeto que lhe pertence. O autor considera assim que este:

tipo de desrespeito que toca a camada da integridade corporal de uma pessoa: aquelas formas de maus-tratos práticos em que são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre seu corpo, representam a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal. A razão disso é que toda tentativa de se apoderar do corpo de uma pessoa empreendida contra sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de humilhação que interfere destrutivamente na auto relação prática de um ser humano (HONNETH, 2003, p. 215).

O segundo tipo se constrói na privação de direitos e na exclusão social. O sujeito não tem proteção jurídica institucionalizada, não possuindo assim igualdade legítima se comparado a outros indivíduos. Outro fator importante a ser considerado é a questão do acesso à informação, podendo ser um dos empecilhos para que esses direitos não sejam desfrutados. Ou seja, dependendo do núcleo social o qual o sujeito pertença, o mesmo é suprimido de conhecimentos legais e fundamentais para que se torne um cidadão consciente, e que seja capaz de lutar pelos seus direitos.

Logo, quando não se tem consciência a exigência para o cumprimento das leis fica totalmente comprometido. Ou seja, para o indivíduo, a denegação de pretensões jurídicas socialmente vigentes significa ser lesado na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito capaz de formar juízo moral” (HONNETH, 2003, p. 216).

E por último e muito importante dentro desta análise, destacamos o desrespeito que está relacionado à *estima social* do indivíduo, em que ele na medida em que não valoriza as

particularidades, habilidades e capacidades individuais, e também não as ampara de forma solidária, faz com que se desenvolva o elemento que Honneth denomina como “vexação social”. Ela por sua vez atua de maneira conjunta com “sentimentos negativos” e representa de certa forma uma barreira em relação a interação social que um indivíduo desenvolve com outro.

Primeiramente, para que o indivíduo lute por algo é necessário que ele tenha consciência do processo intimidador e opressor que o desrespeita, mas para que isso aconteça é indispensável a conscientização e a desnaturalização das violências sofridas. Essas lutas por reconhecimento podem se dar de forma individual e também coletiva, como é o caso do nosso objeto de pesquisa, os raps do grupo Racionais MC’s.

Mendonça (2013) destaca que

Nesse processo, os sujeitos deparam-se, frequentemente, com práticas e sentidos que podem estigmatizá-los e humilhá-los, cerceando suas possibilidades de autorrealização. Tais processos, em certas circunstâncias, podem ser tematizados como injustos, levando a tentativas de transformação dos padrões interacionais em voga (MENDONÇA, 2013, p.118).

Sarmiento (2015) reitera os apontamentos feitos por Mendonça (2013) ao discutir como se desenvolvem as lutas por reconhecimento, afirmando que as mesmas acontecem como produtos de “ausências” e “frustrações” na espera do outro e, também na recusa dos direitos. A autora chama atenção para uma premissa fundamental para a compreensão da teoria honnethiana, esta se trata de uma luta para os reparos das injustiças e não para a proteção de interesses.

Mendonça (2013) sustenta que para Honneth a luta por reconhecimento não é uma luta para enaltecer determinadas culturas, identidades ou modos de vida, rebaixando os demais. Sendo assim é preciso que haja uma percepção de irregularidades para serem exigidos o “respeito”, os “direitos” e a “estima social”. Conforme discutiremos nesta monografia, nas letras dos raps dos Racionais MC’s essa concepção é evidente. Nelas, os integrantes do grupo denunciam os abusos sofridos pelo povo - no qual me sinto incluída-, os moradores das favelas, simultaneamente fazem um apelo pela conscientização dos mesmos. Auxiliam no que podemos chamar de um processo de desnaturalização de algumas formas de desrespeito.

Garcêz e Maia (2009) trabalham o argumento da “visibilidade ampliada” que serve para nortear novos princípios, e também novas interpretações quando se quer lutar por reconhecimento, pois quanto mais visibilidade um grupo possuir, maior é a possibilidade de reconhecimento das contribuições deste para com a sociedade. As autoras defendem que “ se o indivíduo ou grupo social que sofre o desrespeito consegue revelar o porquê de serem

valorizados, pode haver uma eficiente reconstrução de um novo olhar e uma negociação de um novo sentido” (GARCÊZ; MAIA, 2009, p. 87).

É nesse sentido que entendemos a música como uma grande ferramenta no entendimento das lutas empreendidas por um povo, uma vez que mesma perpassa símbolos e significados de uma coletividade, influenciando a reflexão de quem escuta a mensagem transmitida na música.

1.2 “Periferia é periferia em qualquer lugar”

O grupo de rap Racionais MC’s é oriundo do Capão Redondo, uma favela situada na região do Campo Limpo, na zona sul de São Paulo. Já foi considerada uma das áreas mais pobres e violenta da cidade, além de ser um lugar bastante populoso.

Percebemos aqui uma relação socioeconômica dos músicos Racionais MC’s e dos seus ouvintes. Talvez essa identificação de experiências cotidianas tenha aproximado cantores e interlocutores. Martins (2009) argumenta que para a música tocar no íntimo de um determinado indivíduo e aflorar sentimentos a mesma precisa se sintonizar com a memória intrínseca do sujeito, causando nele a sensação da retratação da sua autoimagem.

A música se faz presente em todo momento, acompanhando os indivíduos como verdadeiras trilhas sonoras de suas vidas, revelando-se tanto em situações de vivência individual como coletiva, em momentos de alegria e de tristeza (MARTINS 2009, p. 19).

Os Racionais MC’s surgem nos anos de 1990, depois do processo de redemocratização do Brasil, após longos anos de ditadura militar. Martins (2015) ressalta assim que:

Nossa música popular acompanhou de perto as idas e vindas dessa década tumultuada e confusa, não só fazendo a crônica dos fatos e acontecimentos como desnudando comportamentos, alertando para hipocrisias, criticando arbitrariedades, denunciando maracutaias, levantando-se contra crimes e chacinas, comemorando avanços, gritando contra injustiças. Houve no período um nítido deslocamento do peso dos diferentes gêneros musicais que abordaram temas políticos. (MARTINS, 2015, p.28-29).

O rap dos Racionais é marcado por letras politizadas e por seu viés problematizador. Cantado em forma de protestos, denúncias, resistência, motivação e ascensão, foi capaz de mobilizar grandes públicos periféricos, na maioria jovens. Os quatro rappers da periferia ficaram conhecidos como “os quatro pretos mais temidos do Brasil”, ganharam ascensão musical e conseqüentemente fama. A missão da música de aflorar afeição através da melodia e da mensagem foi cumprida. E isso nos diz muito desse contexto, pois se tratava de um

grupo com um novo gênero musical o qual as periferias das grandes capitais brasileiras estavam se identificando.

A cada show realizado pelos Racionais MC's estava presente o discurso de denúncia, contra a discriminação racial, exclusão social, abandono do Estado e restrição econômica, em forma de rima e poesia. Como afirma Franklin Martins (2015):

De início, os protestos pareciam partir de vozes isoladas. Quem protestava denunciava a condição no seu bairro. De certa forma, falava para seu gueto. Mas logo, com o crescimento do movimento hip hop, os guetos passaram a conversar entre si. Descobriram que enfrentavam os mesmos problemas, a mesma discriminação, o mesmo abandono. Perceberam que compartilhavam sentimentos semelhantes de revolta, insubmissão e disposição de luta. Assim, os múltiplos guetos se reconheceram como um agente só: o povo da periferia (MARTINS, 2015, p. 240).

No caso dos raps dos Racionais MC's, as músicas estavam carregadas de revolta, devido o contexto subumano vivido na periferia, confronto ao poder público que se esqueceu das favelas, combate à violência policial em relação à comunidade da periferia - principalmente direcionada ao jovem negro- e a desmistificação de democracia racial brasileira, como tão bem alegou Gutierrez (2015). O grupo se referia “aos negros como ‘não indenizados’ pelo ‘holocausto da escravidão’” (GUTIERREZ, 2015, p. 65). A ideia de um sentimento coletivo a partir da música feita por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay é sustentado por Gutierrez (2015):

as interpretações compartilhadas podem desempenhar o papel de fazer nascer laços culturais que alimentam o ímpeto de resistência às opressões daquela comunidade. Esse é o caminho traçado para a reflexão sobre o rap político dos Racionais: ouvi-lo como uma arma poética -um “revólver engatilhado dentro da mente”, como canta Edi rock na música “Na fé firmão” - mobilizada dentro do campo da cultura como artifício discursivo para a produção de significados associados à crítica e ao combate ao racismo e às desigualdades brasileiras, e utilizado como um vetor de afirmação de autoestima coletiva para as populações negras das favelas brasileiras (GUTIERREZ, 2015, p. 59).

Bertelli (2012) argumenta acerca da oposição entre dois mundos narradas no rap, onde o centro e a periferia parecem não fazer parte da mesma cidade, uma vez que tudo que não é o centro não merece as devidas atenções do Estado e da sociedade. Para o periférico resta tudo que for ruim e para o povo dessa periferia fica o efeito colateral e negativo dessa exclusão, o estigma de “incivilidade” (BERTELLI, 2012, p. 216).

CAPÍTULO 2 - “EU VIM DA SELVA, SOU LEÃO, SOU DEMAIS PRO SEU QUINTAL”: ANÁLISE DOS RAPS

Neste capítulo iremos apresentar a metodologia usada para a realização desta monografia e as análises das músicas. O mesmo foi construído com muitas lágrimas por parte da autora, uma vez que as letras dos raps me fizeram voltar muitas vezes a uma realidade vivida por mim e pela minha família. Ou seja, era a nossa história sendo contada através dos raps dos Racionais MC's. Quando me refiro ao povo da periferia, a favela e o oprimido, me sinto incluída.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se a ferramenta de análise de conteúdo. De acordo com Cavalcante e seus colaboradores (2014):

a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas conseqüentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p. 14).

Outro fator relevante para a escolha dessa ferramenta é que a mesma possibilita a categorização do objeto, o que torna a análise mais organizada e compreensível, como argumentam Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014). Porém, os pesquisadores fazem contrapontos importantes no uso da pesquisa qualitativa, explicam como essa metodologia também incorre em subjetividade. Por isso os autores salientam a importância de saturação das informações da amostra para ter resultados mais confiáveis.

Quando o tema rap e Racionais MC's foi idealizado para a realização desse trabalho, o fio condutor se baseou na experiência pessoal que a autora tem com o rap, e com a favela “Coreia”, também situada na zona sul da grande São Paulo. Através da sua vivência como menina preta, pobre e favelada, há uma busca pela compreensão de tal fenômeno com as lentes da academia.

Assim, para que tal objetivo fosse alcançado, fez-se o levantamento bibliográfico que nos permitiu o encontro com a teoria do filósofo alemão Axel Honneth. Este autor desenvolve sua análise acerca da luta por reconhecimento. Uma vez que o nosso viés de pesquisa é político, mostrou-se necessária a realização de uma apreensão das músicas do referido grupo musical através de elementos que mostrassem uma política cotidiana intersubjetiva como defende Honneth (2003).

O processo de coleta das músicas se deu em três passos. No primeiro examinamos todos os nove discos dos Racionais MC's, pois além de álbuns com raps inéditos o grupo tem mais três com músicas repetidas, os quais não entraram no trabalho - "Racionais MC's" (1994) compilado, "Ao Vivo" (2001) e "1000 Trutas, 1000 Tretas" (2006). Logo, separamos todas as faixas inéditas, restando assim *seis* álbuns. Por último, escutamos as produções de maneira cronológica, com intuito de verificar a demanda de cada letra, ou seja, o que se fala, para quem e qual é o seu propósito.

Nosso corpus é formado por *vinte e oito raps* dos seis álbuns dos Racionais MC's, sendo eles: "Holocausto Urbano"(1990), "Escolha o seu caminho" (1992), "Raio X do Brasil" (1993), "Sobrevivendo no Inferno" (1997), "Nada Como um Dia Após o Outro Dia" (2002), "Cores e Valores" (2014).

QUADRO 1 – Letras analisadas a partir do álbum e ano

Ano	Álbum	Música
1990	Holocausto Urbano	Beco sem Saída
1990	Holocausto Urbano	Racistas Otários
1990	Holocausto Urbano	Pânico na Zona Sul
1992	Escolha o seu caminho	Voz Ativa
1992	Escolha o seu caminho	Negro Limitado
1993	Raio X do Brasil	Fim de Semana no Parque
1993	Raio X do Brasil	Homem na Estrada
1993	Raio X do Brasil	Mano na Porta do Bar
1997	Sobrevivendo no Inferno	Capítulo 4, Versículo 3
1997	Sobrevivendo no Inferno	Periferia é Periferia
1997	Sobrevivendo no Inferno	Mágico de Oz
1997	Sobrevivendo no Inferno	Diário de um Detento
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	12 de Outubro
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Expresso da Meia-Noite
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Negro Drama

2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	A Vida é um Desafio
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Vida Loka parte II
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Da Ponte Pra Cá
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Crime Vai e Vem
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Na Fé Firmão
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	Vivão e Vivendo
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	1 por Amor, 2 por Dinheiro
2014	Cores e Valores	A Praça
2014	Cores e Valores	Somos o Que Somos
2014	Cores e Valores	O Mau e o Bem
2014	Cores e Valores	Cores & Valores (Preto e Amarelo)
2014	Cores e Valores	Eu Compro

Fonte: A autora

Embora este trabalho esteja focado no estudo das letras dos raps realizamos a escuta de todas as faixas dos Racionais MC's. Também assistimos a diversas entrevistas com a participação dos integrantes do grupo encontradas na plataforma digital YouTube³, o que nos possibilitou de forma mais responsável entender o contexto de construção de cada rap. Além disso, para que o nosso objetivo fosse alcançado fizemos o uso de diferentes páginas da internet na pretensão de ter acesso a estruturas das rimas e poesias, sendo elas os sites: YouTube, Letras⁴, Vagalume⁵ e Web Letras⁶.

Lendo os raps dos Racionais MC's é notório a presença de uma “política cotidiana” que perpassa as vidas das pessoas mesmo em lugares não institucionalizados como defende Honneth (2003).

As músicas em questão são prestigiadas culturalmente nas grandes favelas das capitais brasileiras, deixando explícita a representatividade de um estilo musical na cultura de um povo e, isso diz muito desse povo, da forma como se organiza e vive cotidianamente.

³ <https://www.youtube.com/>

⁴ <https://www.letras.com/>

⁵ <https://www.vagalume.com.br/>

⁶ <https://letrasweb.com.br/>

A música retrata experiências vividas, sentimentos e falas que foram e ainda são reprimidas em diferentes espaços. Segundo Martins (2009),

A música, uma das formas pelas quais os indivíduos buscam (re)significar a realidade social, faz parte de uma totalidade que inclui uma série de manifestações sócio-culturais capazes de demonstrar determinada realidade histórica. Em relação à historiografia tradicional, sua diferença reside no fato de ela não estabelecer significados fixos, imutáveis, alheios às transformações externas. Pelo contrário, a música permite as mais diversas interpretações, geradas pelas diferentes relações que os diferentes indivíduos estabelecem entre si e com a sociedade da qual fazem parte. Leituras singulares de uma obra coletiva (MARTINS, 2009, p.8).

Buscamos entender e analisar as músicas a partir da teoria de Honneth (2003), focando especialmente na dimensão da estima. Observando nas faixas a presença dos desrespeitos que os impediam de serem estimados socialmente. Para isso, foram criadas categorias a fim de sistematizar o conteúdo sobre estima presente nas músicas.

2.1. ANÁLISE - “Negro Drama entre o sucesso e a lama”

As categorias foram importantes no entendimento deste trabalho uma vez que as mesmas qualificaram os raps de acordo com a sua mensagem transmitida, e isso nos permitiu uma organização e uma observação mais eficiente das análises, nos permitindo interpretar o momento histórico e o contexto de cada música.

2.1.1. Negação - “Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora”

Nesta categoria, reunimos as músicas em que era visível a construção de um discurso sobre negação. Percebe-se nas letras das músicas uma negação a nós sujeitos da periferia paulistana em ser reconhecidos por suas particularidades e pelos seus lugares de pertencimento. Os rappers Racionais MC’s fazem alegações que essa exclusão se dá devido os estereótipos, classe econômica, social e política. Argumentam também que o lugar geográfico que as favelas estão localizadas é sugestivo para que aconteça a ausência de respeito, uma vez que a inexistência da infraestrutura básica de sobrevivência os deixa vulneráveis para sofrerem diferentes tipos de violências.

Conseguimos perceber tal dimensão em dez raps, nos seis álbuns analisados, sendo eles: “*Pânico na Zona Sul (1990)*”, “*Beco Sem Saída (1990)*”, “*Fim de Semana no Parque (1993)*”, “*Homem na Estrada (1993)*”, “*Mano na Porta do Bar (1993)*”, “*Capítulo 4, Versículo 3 (1997)*”, “*Periferia é Periferia (1997)*”, “*Mágico de Oz (1997)*”, “*12 de Outubro (2002)*” e “*Expresso da Meia- Noite (2002)*”.

No rap “*Beco sem Saída*”, os autores querem conscientizar o público periférico do ambiente hostil e desumano que os mesmos se encontram. Logo, é relatado violências cotidianas que esse povo - no qual me sinto pertencente - sofre, sem que haja o enfrentamento de tal prática. Percebe-se a segmentação em dois grupos, oprimidos e opressores. Sendo o primeiro o povo negro, pobre e morador de favelas e o segundo o sistema governamental, o rico e a Polícia Militar de São Paulo.

Ao pensar na teoria honnethiana e, sabendo que o reconhecimento parte da premissa do respeito mútuo, entende-se que o desrespeito acontece quando existe algum tipo de violência presente. Neste caso, essas crueldades são os eixos principais narrados na referida letra. Dialogando com a teoria de Honneth (2003), os Racionais MC’s estão empreendendo uma luta por reconhecimento, a partir de sentimentos morais de injustiças, como podemos observar no trecho abaixo:

A sarjeta é um lar não muito confortável
O cheiro é ruim, insuportável
O viaduto é o reduto nas noites de frio
onde muitos dormem, e outros morrem, ouviu?
São chamados de indigentes pela sociedade
A maioria negros, já não é segredo, nem novidade
Vivem como ratos jogados,
homens, mulheres, crianças,
Vítimas de uma ingrata herança
A esperança é a primeira que morre
E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria
O que se espera de um país decadente
onde o sistema é duro, cruel, intransigente
(RACIONAIS MC’s, 1990, *Beco Sem Saída*, grifos nossos)

No rap “*Fim De Semana No Parque*”, no qual é retratado um domingo comum na zona sul paulistana, vemos um paralelo entre uma sociedade com alto poder aquisitivo e uma sociedade periférica, ficando explícitos os acessos negados para o público que pertence às favelas.

A partir de um muro imaginário que segrega os dois mundos dentro da mesma cidade, os autores conduzem seus interlocutores ao questionamento de como algumas pessoas podem ter tanto poder de aquisição e outras nenhum. Com esse argumento, os mesmos desnaturalizam a pobreza e fazem uma tentativa de conscientização das negações sofridas pelo povo da periferia. Honneth (2003) argumenta que antes de ocorrer a luta por reconhecimento é preciso existir a consciência dos desrespeitos sofridos e, empreender um combate a opressão.

Para exemplificar essa categoria de negação, usaremos aqui um fragmento de “Fim de Semana no Parque”

Olha só aquele clube que dahora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
(...)
Tem corrida de kart dá pra ver
É igualzinho o que eu vi ontem na TV
Olha só aquele clube que dá hora
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
Ele apenas sonha através do muro
(RACIONAIS MC's, 1993, Fim de Semana no Parque, grifos nossos).

A letra do rap “*Um homem na Estrada*” é uma narrativa dolorosa de ser lida, uma vez que são demonstradas experiências cruéis vividas pelo povo da favela localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo. É uma denúncia da rotina violenta, excludente e sofrida por esse grupo que vive às margens de uma sociedade opressora nos quesitos sociais, econômicos e políticos.

A música analisada comprova a realidade de um segmento da população que apenas sobrevive sem esperança, sem perspectivas de mudanças e também não sabendo a quem recorrer. Aparentam estar anestesiados e impotentes com tantas depreciações, que tange a parte física, emocional, jurídica e social. Honneth (2003) usa o termo “morte social” (p. 218) para caracterizar os desrespeitos mais profundos e graves, ao debruçarmos na interpretação do rap “Um Homem na Estrada” é esse tipo de sentimento que nos afeta.

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo
Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio
Um cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo, se chover será fatal
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
Logo depois esqueceram, filha da puta!
Acharam uma mina morta e estuprada
deviam estar com muita raiva
"Mano, quanta paulada!"
Estava irreconhecível, o rosto desfigurado
Deu meia noite e o corpo ainda estava lá
coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado
O IML estava só dez horas atrasado
(RACIONAIS MC's, 1993, Homem na Estrada, grifos nossos)

Ambos descrevem a realidade de uma favela com todas as suas adversidades, sem nenhum toque de romantismo. É recorrente nas letras as explanações da revolta e do martírio desse povo, que padece sem uma infraestrutura básica, com uma desigualdade social histórica, somada ao racismo.

2.1.2. Perseguição - “Será que eles veem em nós um marginal padrão?”

O argumento central da categoria perseguição se configura através do racismo e do preconceito que outros grupos têm em relação nós moradores de favelas, pretos e pobres.

Nos raps “Racistas Otários (1990)”, “Diário de um Detento (1997)” e “A Praça (2014)”, a exposição dessa perseguição vai se construindo ao longo das letras e, os argumentos utilizados são de que a mesma só é sofrida por um determinado público da sociedade, que fica arruinado com tal violência e impedidos de alcançarem a estima social.

Ao examinar o “*Rap Racistas Otários*”(1990) compreende-se que os músicos fazem alusão a uma perseguição social, racial e classista. Logo, em tom de revolta e indignação os mesmos elaboram questionamentos e reflexões sobre os motivos dessas desigualdades acontecerem por tantos anos no Brasil e invocam um enfrentamento de combate a essa prática. Na letra da música, os rappers clamam por uma “paz” que lhes é negada. Percebe-se um mundo bem segregado, deixando explícita a relação do opressor para com o oprimido. Ao falar da busca pela estima social, Sarmento (2015), com base na teoria honnethiana, explica que ao se desenvolver os desrespeitos das capacidades e particularidades dos indivíduos, os mesmos encontram-se impedidos de se enxergar igualmente valorados em relação aos demais dentro da sociedade. Para mostrar tal perseguição os Racionais MC’s (1990) cantam assim:

Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles veem em nós um marginal padrão?

(RACIONAIS MC’s, 1990, *Racistas Otários*, grifos nossos).

O épico rap “*Diário de Um Detento*”(1997) pode ser considerado um relato histórico do sistema carcerário do Brasil, pois se caracteriza como um rap feito dentro do presídio

Carandiru, em São Paulo. É um registro do dia em que ocorreu o massacre do Carandiru (1992), que deixou centenas de mortos, a partir da ação realizada pela tropa de choque da Polícia Militar de São Paulo.

É uma crítica que o preso faz ao sistema carcerário e principalmente à sociedade, que é extremamente preconceituosa em relação a população presidiária. O rap utiliza-se da linguagem realista para descrever o cotidiano e os enfrentamentos de todos os dias desses presos.

Assim, em forma de protesto o então preso ilustra seu desejo de ser visto como um ser humano que cometeu seus erros, mas é uma pessoa que reflete, sente dor, tem seus familiares, sente medo e vive em um cárcere que possui condições subumanas e bem sugestivas para a aprendizagem de práticas violentas com relação ao outro.

Percebe-se através do relato do presidiário a predominância da categoria de perseguição. É exposto um sentimento de revolta a partir de uma escrita irônica e questionadora, e há uma investida para o surgimento de reflexão social e cultural com relação aos detentos, pois todo ser humano pode se arrepender dos seus erros e se conscientizar. A perseguição se faz presente em todo o rap “*Diário de um Detento*”, mas escolhemos os seguintes trechos para elucidar a presença de tal categoria:

**Aqui estou, mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel(...)**

**(...)Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
O ser humano é descartável no Brasil
Como modess usado ou bombril
Cadeia? Guarda o que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz
Ratatata! sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
(RACIONAIS MC’, 1997, *Diário de um Detento- grifos nossos*)**

Já o rap “*A Praça*”, do álbum “*Cores e Valores*” (2014), expõe que mesmo decorridos vinte e seis anos do surgimento do grupo no final da década de 80, a noção de perseguição continua presente nos raps e nas vidas dos moradores das periferias de São Paulo. A música retrata um show dos Racionais MC’s que aconteceu na Praça da Sé, localizada na capital paulistana e os mesmos foram alvo de perseguição da Polícia Militar.

Os rappers iniciam a música expondo como a mídia em massa fez o uso desse episódio e desenvolveu um marketing negativo, pavoroso e cruel em relação aos Racionais MC's.

Uma farda, uma armadura
Um disfarce, uma ditadura
Um gás lacrimogênio e algema não é a cura, é luxúria
Uma censura tentaram e desistiram
Pularam atrás da porta, filmaram e assistiram
Pediram o nosso fim, forjaram uma lei pra mim
Tiraram o nosso foco dos bloco e o estopim
Tentaram eliminar, pensaram em manipular
Tentaram, não bloquearam a força da África
Chamaram a Força Tática, Choque, a Cavalaria
Polícia despreparada, violência em demasia!
(RACIONAIS MC's, 2014, *A Praça, grifos nossos*)

2.1.3 Resistência - “Racionais declaram guerra.”

A categoria de resistência está vinculada à tentativa de conscientização e desnaturalização do que é negado a um grupo, fazendo assim com que ele não seja reconhecido. São argumentos que vão contra um conformismo em relação a situações desrespeitosas que afetam o povo periférico.

Nesta categoria reunimos as músicas em que era evidente a construção de um discurso sobre resistência. Conseguimos agrupar em tal categoria cinco músicas: “*Voz Ativa*” (1992), “*Negro Limitado*” (1992), “*Cores & Valores*” (2014), “*Somos o Que Somos*” (2014) e “*O Mau e o Bem*” (2014).

Negro Limitado (1992) é um rap que faz parte do segundo álbum dos Racionais MC's, nele os cantores direcionam uma solicitação de resistência para o público negro da periferia. Logo, a letra se desenvolve em forma de enfrentamento das adversidades que o racismo e a miséria geram. Essa rima é uma prescrição que deve ser seguida por nós, indivíduos pertencentes a tal grupo, caracterizando-se como a narração da conscientização e, conseqüentemente, a negação dessa realidade violenta que lhes é ofertada. É um estímulo que os cantores fazem para motivar os sujeitos a lutarem por uma estima social.

Mantenha distância de dinheiro fácil.
De bebidas demais, policiais e coisas assim.
Enfim, de modo eficaz.

Racionais declaram guerra.
Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.
E os manos que nos ouvem irão entender.
Que a informação é uma grande arma.
Mais poderosa que qualquer PT carregada.
Roupas caras de etiqueta, não valem nada.
Se comparadas a uma mente articulada.
Contra os racistas otários é química perfeita
Inteligência, e um cruzado de direita.
Será temido, e também respeitado.
Um preto digno, e não um negro limitado
(RACIONAIS MC's, 1992, *Negro Limitado*, grifos nossos).

As contribuições da letra “*Voz Ativa*”(1992) para entender a categoria resistência são significativas, uma vez que os autores aguçam a curiosidade do interlocutor para uma análise mais crítica do papel do indivíduo preto e favelado dentro da sociedade brasileira. Com perguntas provocativas e semi-estruturadas dentro da própria música, o ouvinte/leitor é encaminhado para uma desnaturalização dos desrespeitos a muito tempo sofrido pelo sujeito mencionado. Essa advertência vem em forma de uma tentativa de conscientização e, organização para uma luta por estima social. Os rappers fazem uso de justificativas fortes para a mobilização e elevação da autoestima dessa massa periférica que é violentada socialmente, como expressado abaixo:

Precisamos de nós mesmos essa é a questão
DMN meus irmãos descrevem com perfeição então
Gostamos de nós brigamos por nós
Acreditamos mais em nós
Independente do que os outros façam
Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim de sangue e coração
Mano Ice Blue me diz
Justiça é o que nos motiva a minha a sua
A nossa voz ativa
(RACIONAIS MC'S, 1992, *Voz Ativa*, grifos nossos)

2.1.4 Ascensão - “Sou exemplo, de vitórias, trajetos e glórias”

Denominamos esta categoria de ascensão para analisar o movimento pelo qual foi empreendida uma luta por valorização dos moradores de favelas. Uma motivação positiva, resultando o respeito de um para com o outro.

Honneth (2003) se alicerça sua teoria em noções cruciais como “intersubjetividade” “assentimento no outro”, “respeito mútuo” e “autorrealização”. Sendo assim, a luta pela conquista da estima social de um grupo é validada a partir daquilo que Honneth (2003) chamou de “argumentos com fundamentos”. O teórico alemão defende ainda que para

legitimar uma luta coletiva os atores precisam ter sentimentos de desrespeitos parecidos vivenciados por todo grupo.

A partir do quadro teórico apontado anteriormente, observamos que os primeiros quatro álbuns dos Racionais MC's salientaram a existência de uma negação social, econômica e política. Além disso, traziam relatos de uma perseguição racista e preconceituosa sobre os moradores das favelas. Nos dois últimos álbuns, "Nada Como um Dia Após o Outro Dia-Vol.1&2. (2002)" e "Cores & Valores (2014)", os rappers já fazem relatos de sentimentos de pertencimento e de orgulho desses moradores das favelas.

Presenciamos a categoria de ascensão nas dez músicas: "*Negro Drama (2002)*", "*A Vida é um Desafio (2002)*", "*Vida Loka parte II (2002)*", "*Da Ponte Pra Cá (2002)*", "*Cores & Valores (Preto e Amarelo) (2014)*", "*Eu Compro (2014)*", "*Crime Vai e Vem (2002)*", "*Na Fé Firmão (2002)*", "*Vivão e Vivendo(2002)*" e "*1 por Amor, 2 por Dinheiro (2002)*".

"Negro Drama" é uma composição dos Racionais Mc's cantada por Edy Rock e Mano Brown. Na fala do primeiro rapper, ele explica as heranças cruéis que a escravidão e o racismo deixaram para os negros favelados. Em forma de rima e poesia, ele denuncia a perseguição, "os desrespeitos" e até mesmo a "vexação"- conceitos honnethianos - que esse povo sofre. Na parte cantada por Mano Brown, o enfrentamento, a resistência e a ascensão estão presentes. Negro Drama é a narrativa da ascensão do negro periférico, ocupando lugares antes inacessíveis e, agora, conquistados por meio de grandes lutas. Os mesmos deixam marcados a recompensa que se obtêm pela busca por "reconhecimento" na esfera da "estima social", que é amplamente questionada nos raps dos quatro primeiros álbuns.

Segundo Honneth (2003), "nessas reações emocionais de vergonha, a experiência de desrespeito pode tornar-se o impulso motivacional de uma luta por reconhecimento" (p. 224). Assim, o fragmento abaixo é um bom exemplo do que o autor argumenta:

**Não foi sempre dito,
Que preto não tem vez,
Então olha o castelo irmão,
Foi vc quem fez Cuzão,
Eu sou irmão,
Dos meus truta de batalha,
Eu era a carne,
Agora sou a própria navalha,
Tim..Tim..
Um brinde pra mim,
Sou exemplo, de vitórias,
Trajetos e Glórias,
O dinheiro tira um homem da miséria,
Mais não pode arrancar,
De dentro dele,
A Favela,**

**São poucos,
Que entram em campo pra vencer,
A alma guarda,
O que a mente tenta esquecer,
Olho pra traz,
Vejo a estrada que eu trilhei,
Mocó,
Quem teve lado a lado,
E quem só fico na bota,
Entre as Frases,
Fases e varias etapas,
Do quem é quem,
Dos Manos e das Minas fraca,
Hum..
**NEGRO DRAMA de estilo,
Pra ser,
Se for,
Tem que ser,
Se temer é milho,
Entre o gatilho e a tempestade,
Sempre a provar,
Que sou homem e não um covarde****

(Negro Drama- RACIONAIS MC's, 2002, grifos nossos)

No rap “*A vida é Um Desafio (2002)*”, é possível ver uma valoração e elevação da autoestima do povo da favela. É notório um fortalecimento coletivo e a aquisição de uma visibilidade positiva nas periferias. Embora as letras continuem fazendo denúncias e reflexões sobre/acerca das negações, perseguições e ensinando a resistir, a ascensão se destaca.

São compreensões de um cotidiano mais esperançoso, observa-se um esforço para encorajar o povo, que até então, padece de todas violências descritas por Honneth (2003), como “abatimento do corpo humano”, “morte social” e “vexação”.

Logo, se o rap dos Racionais MC's tem a intenção de descrever a vida cotidiana das favelas, nessa letra é possível afirmar uma melhoria da autoestima desse povo, a partir da consciência das injustiças. Honneth (2003) afirma que “esses sentimentos de injustiças podem levar a ações coletivas, na medida em que são experienciadas por um círculo inteiro de sujeitos como típicos da própria situação social” (p. 260).

**É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olho as crianças que é o futuro e a esperança
Que ainda não conhecem, não sentem o que é ódio e ganância**

Eu vejo o rico que teme perder a fortuna

Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
Falo do enfermo, irmão, falo do são, então
Falo da rua que pra esse louco mundão

Que o caminho da cura pode ser a doença

Que o caminho do perdão às vezes é a sentença

(Racionais Mc's, 2002, *A Vida è Um Desafio, grifos nossos*).

Para finalizar a análise a partir desta categoria, de forma intencional, colocamos o rap “Eu Compro (2014)”, uma vez que desde o começo da nossa análise mostramos como a exclusão econômica, política e social, são vivenciadas pelo povo da periferia.

O que todos almejam é patrimônio e riqueza

Pra favela é proeza, ostentar a nobreza
Viajar, conforto, tem que ser primeira classe!
Hotel cinco estrelas em Miami na night gastar

Os nego quer algo mais do que um barraco pra dormir

Os nego quer não só viver de aparência

Quer ter roupa, quer ter joia e se incluir

Quer ter euro, quer ter dólar e usufruir

(Eu compro)

Cordão (eu compro)

Que agride (eu compro)

Os pano (eu compro)

De grife (eu compro)

Mansão (eu compro)

De elite (eu compro)

Pra nós não tem limite (RACIONAIS MC's, 2014) (grifo nosso).

Portanto, a seguinte letra dos Racionais MC's aponta um novo cenário vivido pelos moradores das favelas. Anteriormente para serem reconhecidos pelos “outros” os indivíduos precisavam de poder aquisitivo, a música acima relata que agora esses sujeitos das favelas - no qual me sinto representada - também têm posses que os permitem nesse quesito ser reconhecidos, como salientou o trecho.

Portanto essa ostentação narrada no rap “eu compro”, vem em forma de deboche, já que é um lado da ponte que o povo da periferia agora pode até ter acesso se quiserem, mas não precisam e nem fazem questão de pertencer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisamos os seis discos de faixas inéditas dos Racionais MC's a partir da Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth (2003). As letras dos *raps* narram o cotidiano violento que vive o povo periférico da cidade de São Paulo e se esforçam para denunciar aquilo que lhes é negado, tentando assim desenvolver uma luta para a conquista da *estima social*.

Tal discussão foi possível a partir da técnica de análise de conteúdo, que nos permitiu uma abordagem mais descritiva do nosso corpus, composto por vinte e oito letras de rap do grupo em questão. As letras das músicas puderam ser entendidas e classificadas a partir de quatro categorias: *negação*, *perseguição*, *resistência* e *ascensão*.

Nos primeiros quatro álbuns as categorias de negação, perseguição, resistência se acentuam mais, já nos últimos a ascensão tem um maior destaque, onde raps de encorajamento e orgulho de pertencimento se efetivam com mais força. Quando os discos são analisados de forma cronológica, levando em consideração o contexto político, social e econômico do Brasil, é perceptível o desdobramento de lutas por reconhecimentos sendo travadas através das músicas.

Honneth (2003) explica que as lutas por reconhecimento surgem como produto da desnaturalização dos desrespeitos e das violências sofridas. Os Racionais MC's salientam em suas rimas e poesias a existência da **negação** e **perseguição** contra o povo periférico e clamam por uma **resistência**, essa que tem como objetivo a luta e a efetivação de sua **ascensão**⁷. Entendemos que configuram-se assim como uma investida na busca pela *estima social*, e conseqüentemente a autorrealização.

Também entendemos que a continuidade deste trabalho pode ser pertinente se pensarmos em novas análises usando a teoria honnethiana nas esferas do amor e do direito, uma vez que os raps têm conteúdo de análise para tal procedimento.

Por fim, é preciso dizer que a teoria do reconhecimento de Honneth (2003) me impactou profundamente, por tratar questões relacionadas às minhas vivências pessoais. A

⁷ Agradeço à minha professora Nádia Dutra de Souza por ter me chamado minha atenção para uma questão que não tinha me atentado anteriormente. A mesma me disse que ao ler este trabalho e conhecendo a minha história de vida percebeu que passei por todas essas categorias. Isso me fez refletir o quanto os raps dos Racionais MCs dizem do que está dentro de mim. Da negação à ascensão, "A alma guarda o que a mente tenta esquecer" Racionais MC's.

aproximação com a mesma despertou em mim um sentimento de motivação a ponto de querer que todo povo periférico também tivesse a oportunidade de conhecê-la.

Quando Honneth(2003) traz conceitos como a intersubjetividade e o assentimento no outro para a autorrealização do indivíduo fica sugestivo que devemos lutar, sim, para sermos reconhecidos dentro das nossas particularidades e o respeito mútuo é o que é esperado por nós, povo da periferia. Na teoria honnethiana esses desrespeitos não cessam, os mesmos são ressignificados o tempo todo a partir da relação com o outro, logo continuaremos lutando.

“Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu. Num clima quente, a minha gente soa frio. Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, fuzil. Negro drama!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTELLI, G.B. Errâncias racionais: a periferia, o R.A.P. e a política. **Sociologias** (UFRGS), v. 14, p. 214-237, 2012. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1730023/giordano-barbin-bertelli> Acesso em: 16 jul. 2019.
- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **REBEN** - Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília - DF, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000500019&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 08 mai. 2019.
- CAVALCANTE, R. B; CALIXTO, P; PINHEIRO, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: Considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação e Sociedade**, 24(1), 13–18, 2014.
- GARCÊZ, R. L. O; MAIA, R C. M. Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos do testemunho. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, p. 85-103, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a07v17n34.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- GUTIERREZ, G. G. O rap contra o Racismo: a poesia e a política dos Racionais MC's. **Animus**, v. 14, p. 56-77, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/17872>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- HOFFMAN-CÂMARA, R. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6(2), jul- dez, 2013, 179-191.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- MARTINS, F. “Que país é este?.. In: _____. **Quem foi que inventou o Brasil?** (vol. III). RJ: Nova Fronteira, 2015, p.
- MARTINS, D. **Das coisas que aprendi nos discos: Cancioneiro popular brasileiro e identificação nacional**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MENDONÇA, R. F. Dimensão intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, p.143-154, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v24n70/a09v2470.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- _____. Reconhecimento. In: **Dimensões Políticas da Justiça**. Leonardo Avritzer; Newton Bignotto; Fernando Filgueiras; Juarez Guimarães; Heloísa Starling. (Orgs.) - 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, p. 117-131, 2013.
- RACIONAIS MC’S. Holocausto Urbano. RDS Fonográfica/Zimbabwe Records, RDL 4006, s.d.00201 CD [1990].
- _____. Raio-X do Brasil. São Paulo: Zimbabwe Records, 1994. 1 CD.

_____. Escolha o seu caminho. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992, v. 1.

_____. Sobrevivendo no inferno. Casa Nostra/Zambia, ZA-050-1, 2002. 2 CDs.

_____. Nada como um dia após outro dia, Casa Nostra/Zambia, ZA-050-1, 2002. 2 CDS.

_____. Cores e Valores. São Paulo: Cosa Nostra e Boogie Naípe (gravadoras), 2014. CD.

SARMENTO, R. Feminismo, reconhecimento e mulheres trans*: expressões online de tensões. **Pensamento Plural** (UFPEL), v. 17, p. 129-150, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/6113>. Acesso em: 10 out. 2018.

ZANETTI, D. Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento. **ECompós** (Brasília), v. 11, p. 1-16, 2008. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/218/272>. Acesso em: 28 mar. 2019.